

Gramaticalização de agora

Maria da Penha Pereira Lins*

RESUMO

Este estudo sobre gramaticalização de AGORA apresenta-se dentro de uma abordagem funcionalista e focaliza a ocorrência desse elemento em trajetória de gramaticalização de uso como operador argumentativo, recorrente no interior de atos interacionais. Gramaticalização é entendido como processo de mudança lingüística que consiste na passagem de um item lexical para um item gramatical, vinculada sintaticamente à passagem de uma construção gramatical para uma forma ainda mais gramatical. A principal base teórica firma-se nas noções sobre gramaticalização de Heine et al. (1991), Hopper e Traugott (1993) e Martelotta et al. (1996).

Palavras-chave: Funcionalismo, Gramaticalização, Interação

ABSTRACT

This study about the grammaticalization of NOW presents itself within a functionalist approach and focuses on the occurrence of this element in a trajectory of grammaticalization as used as an argumentative device that recurs within interactional acts. Grammaticalization is here understood as a linguistic change process that consists in the transformation of a lexical item into a grammatical item. Such a transformation is syntactically linked to the transformation of a grammatical construct into a form which is even more grammatical. The main theoretical basis is derived from notions about grammaticalization presented by Heine et al. (1991), Hopper and Traugott (1993) and Martelotta et al. (1996).

Keywords: Functionalist approach, Grammaticalization, Interactional acts

1. Introdução

No presente estudo verifica-se a ocorrência do elemento AGORA em trajetória de gramaticalização de uso como operador argumentativo, ou seja, analisar a presença constante de AGORA como “amarrador textual de porções de informação progressivamente liberadas ao longo da fala”, recorrente no interior de atos interacionais.

Gramaticalização é entendido, neste trabalho, como o processo de mudança lingüística que consiste na passagem de um item lexical para um item gramatical, associada à progressão na direção de uma maior vinculação sintática na passagem de uma construção gramatical para uma forma ainda mais gramatical.

Serão utilizados neste estudo dados pertencentes às amostras de entrevistas sociolingüísticas do PEUL –PROGRAMA DE ESTUDOS DE USO DA LÍNGUA – o português falado no Rio de Janeiro. Analisaremos o emprego do elemento AGORA em entrevistas de dois informantes, um do sexo masculino e um do sexo feminino.

Para orientar a observação dos dados, foram tomadas como principal base teórica as noções sobre gramaticalização de Heine et al. (1991), Hopper & Traugott (1993), Martelotta et al. (1996).

* Professora Doutora de Departamento de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (penhalins@terra.com.br)

Este estudo sobre gramaticalização de AGORA , dentro de uma abordagem funcionalista, ficou organizado em três segmentos. No primeiro, foi feita uma breve revisão bibliográfica, com o objetivo de informar sobre os estudos dos autores, cujas noções serviram de base para a análise. No segundo, foi feita uma reflexão sobre a gramaticalização de conectores. No terceiro, foi feita uma análise do emprego AGORA na sua trajetória de gramaticalização de item lexical para item gramatical e, ainda, foi enfatizado seu uso como marcador discursivo.

No entanto, não tivemos o objetivo de desenvolver uma pesquisa aprofundada do assunto – o que ultrapassaria nossas pretensões – mas de buscar atender a uma curiosidade em torno do “modus operandi” na trajetória de gramaticalização de itens lexicais em gramaticais.

2. O conceito de gramaticalização

As línguas apresentam mudanças constantes no que se refere à gramática; essas mudanças são motivadas por pressões de uso e por pressões do próprio sistema gramatical. Desse modo, pode-se considerar o processo de gramaticalização como um tipo de mudança lingüística que envolve a trajetória de regularização de uso de itens lexicais em funções gramaticais.

Nessa visão, primeiramente o termo gramaticalização foi introduzido por Meillet (1912/1948, apud Heine et al 1991), que definiu o processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma.”, fundado no fato de que em todos os casos em que se podia conhecer a fonte de uma forma gramatical, essa fonte era uma palavra lexical. É a transição representa uma espécie de *continuum*.

Ligados ao termo gramaticalização aparecem outros que especificam aspectos particulares do processo: sintatização, descoramento semântico, enfraquecimento semântico, desvanecimento semântico, reanálise, condensação, redução, e outros que remetem ao fato de estudos sobre gramaticalização levarem à reflexão sobre diacronia/sincronia.

Primeiramente, sabe-se, os estudos sobre gramaticalização estiveram ligados à lingüística diacrônica, com vistas à análise da evolução lingüística e à reconstrução da história de uma língua ou de um grupo de línguas, ou à comparação de estruturas lingüísticas do momento com padrões anteriores de uso lingüístico.

Posteriormente, com uma proposta diferenciada, foi dada relevância ao papel da pragmática, com a reflexão de que “a sintaxe de hoje é a pragmática de ontem” (Givón , 1979 – apud Tavares 1999), afirmativa que contempla a reanálise de padrões discursivos como padrões gramaticais.

De certa maneira, parece que uma separação rígida entre diacronia e sincronia não se justifica dentro dos estudos sobre gramaticalização, já que há uma dependência entre as duas.

Heine et al. (1991) sustentam seus trabalhos sobre gramaticalização a partir do que eles chamam de “clássica definição do termo”, emprestada de Jerzy Kurylowicz ([1965] 1975:52): gramaticalização consiste na produtividade de uma classe de morfema que avança de um status lexical para um gramatical, ou de um

status menos gramatical para um mais gramatical.

Hopper & Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo de mudança que leva elementos de valor lexical a assumirem valores gramaticais e elementos gramaticais a assumirem funções ainda mais gramaticais.

Essas conceituações apresentadas parecem ter suas noções ampliadas a partir do slogan, também de Givon (1971 – apud Neves, 1997): “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, formulado a partir de evidências em línguas africanas de que formas verbais que hoje são radicais com afixos remontam a arranjos de pronomes com verbos independentes. Dentro dessa visão, pode-se entender que o processo de mudança não implica a perda do valor lexical original.

Para Heine et al. (1991) o termo gramaticalização abrange tanto o percurso de um morfema lexical para um gramatical, quanto o de um menos gramatical para um mais gramatical.

Uma característica básica do processo de gramaticalização é a unidirecionalidade, que parte do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida. Além dessa característica geral, os autores citam outras mais específicas: precedência do desvio funcional (conceptual ou semântico), sobre o formal (morfossintático e fonológico), decategorização de categorias lexicais prototípicas, possibilidade de recategorização com restabelecimento da iconicidade entre forma e significado, perda de autonomia de um elemento, erosão ou enfraquecimento formal.

2.1. Princípios para a identificação do processo de gramaticalização

Segundo Hopper (1991) são cinco os princípios para a identificação dos estágios iniciais do processo de gramaticalização:

1. Estratificação (camadas): “Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas.”
2. Divergência: “Quando uma forma lexical sofre gramaticalização em clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais ordinários.”
3. Especialização: “Dentro de um domínio funcional, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível num estágio; quando ocorre a gramaticalização, essa variedade de escolhas formais estreita-se e o menor número de formas selecionadas assume significados mais gerais”.
4. Persistência: “Quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, tanto quanto isso é gramaticalmente viável, alguns traços de seus significados lexicais originais podem ser refletidos

nas restrições de sua distribuição gramatical”.

5. De-categorização: “Formas sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar seus marcadores morfológicos e características sintáticas peculiares das categorias plenas nome e verbo, e a assumir atributos característicos de categorias secundárias, como adjetivos, participípios, preposição, etc.

Desses princípios depreende-se que a gramaticalização é unidirecional, com uma unidade menos gramatical na ponta de partida e uma unidade mais gramatical na ponta de chegada, implicando, necessariamente, codificação nova, e envolvendo, necessariamente a morfologia.

Traugott e Heine (1991 – apud Neves 1997) afirmam que, na gramaticalização, as duas fórmulas “item lexical > morfema” e “discurso > morfossintaxe” se combinam na fórmula “item lexical usado no discurso > morfossintaxe”.

Compreende-se por itens lexicais os que fazem referência ou descrevem coisas do mundo biossocial (entidades, qualidades, ações) – os nomes, os verbos, os adjetivos e os advérbios. Já os itens gramaticais caracterizam-se como elementos funcionais, ou seja, aqueles que propiciam a organização de itens lexicais no interior do discurso – as preposições (relacionam nomes), os conectores (relacionam partes do discurso), os pronomes e os artigos (identificam entidades e participantes do discurso) e os morfemas verbais e nominais (indicam tempo, aspecto, modo, gênero e número).

Os advérbios e os adjetivos têm classificação à parte, em três categorias, conforme Hopper & Traugott – 1993: Categoria maior [nome, verbo, pronome], Categoria mediana [adjetivo e advérbio] e Categoria menor [preposição, conjunção].

É numa primeira etapa do processo de gramaticalização que se constituem os conectores, ou seja, na transição do léxico/ discurso para a sintaxe. Nesse percurso de gramaticalização, observa-se a operação de dois mecanismos em especial: transferência metafórica e pressão de informatividade – metonímia. Considera-se que esses dois mecanismos podem atuar no processo de gramaticalização simultaneamente ou em momentos distintos.

2.2. Metáfora e Metonímia

Heine et al. (1991) destacam a metáfora como um dos principais mecanismos que subjazem ao processo de gramaticalização. Explicam que o uso de um determinado termo lingüístico para um novo conceito envolve um processo pelo qual dois conceitos diferentes são metaforicamente igualados; o termo que é usado para um deles é, também, entendido para se referir ao outro.

É pela transferência metafórica que conceitos mais complexos são descritos por meio de conceitos menos complexos (concretos); estes últimos constituem os chamados conceitos fonte do processo de gramaticalização, os lexemas, que se referem a experiências humanas concernentes a estado físico, comportamento ou

meio-ambiente. Entre os possíveis conceitos-fonte podem-se destacar os lexemas que designam partes do corpo; fenômenos naturais; verbos dinâmicos, de processos mentais, de postura; quantificadores; demonstrativos, além de outros.

No processo de gramaticalização, domínios-fonte mudam para domínios-alvo a partir de uma similaridade funcional entre fontes e alvos potenciais. Desse modo. Vêem-se experiência não-física, compreendida em termos de experiência física, tempo em termos de espaço, relações abstratas em termos de processos físicos ou relações espaciais. A partir disso, é possível que indicadores de pontos no espaço, como, por exemplo, dêiticos locativos, passem a designar pontos no discurso, atuando como dêiticos discursivos.

Também é possível que indicadores de tempo, como, por exemplo, alguns anafóricos temporais, possam atuar como conectores seqüenciadores temporais. A partir do significado espacial e temporal, o significado mais concreto serve de base para o surgimento de significado mais abstrato e que tem atuação na organização do discurso.

A utilização de termos já existentes na língua para expressar novos conceitos, segundo o princípio de que conceitos concretos são utilizados para descrever conceitos menos concretos, ou abstratos, é possível de acordo com a seguinte escala de derivação:

Pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

Esta escala, cujos elementos constituem domínios de conceituação importantes para organizar a experiência em termos cognitivos, destaca a similaridade entre fontes e alvos. A relação entre as categorias é metafórica, no sentido de que se torna possível a cada uma dessas categorias caracterizar qualquer categoria à sua direita. É a metáfora categorial, em que a primeira categoria constitui o veículo para a expressão da segunda; como, por exemplo, "tempo é espaço".

Heine et al. (1991), ancorando-se nessa escala de derivação, propõem um percurso de gramaticalização para os conectores em que a origem espaço-temporal da forma fonte é largamente evidenciável no surgimento de variados conectores.

Outro mecanismo pelo qual se dá a gramaticalização é a metonímia. Esse processo de mudança decorre da associação conceitual de contigüidade entre entidades em contextos lingüísticos específicos. Um item lingüístico usado em referência a uma entidade passa a ser usado, também, em referência a outra. É a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto – o que representa uma transferência semântica pela contigüidade, diferente da metáfora, que envolve a especificação de um conceito, geralmente mais complexo, em termos de outro não presente no contexto, o que representa uma transferência semântica pela similaridade de percepções de sentido.

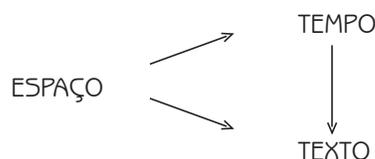
No processo de gramaticalização por metonímia um mecanismo de mudança é a inferência por pressão de informatividade, que designa o processo em que, por convencionalização de implicaturas conversacionais, o item lingüístico assume um valor novo inferido do valor original, que emerge do contexto de uso (Traugott e König – 1991). Isto significa que quando uma implicação surge com determinada forma lingüística, pode passar a ser tomada como parte do significado desta, ou, ainda, chegar a substituir o significado. É o caso de, por exemplo, em determinados contextos

conceitos espaciais poderem levar a implicaturas temporais. No desenvolvimento do processo, a interpretação temporal pode se tornar convencionalizada.

Bybee et al. (1994, apud Tavares – 1999) observam que esses dois mecanismos de mudança ocorrem em diferentes estágios da gramaticalização. A metáfora acontece em estágios iniciais, quando o conteúdo semântico é específico, e a metonímia é responsável pelas mudanças entre significados que são mais abstratos, o que ocorre nas etapas posteriores do processo, quando uma forma gramaticalizada continua a adquirir funções gramaticais. Nas palavras dos autores, “quando um significado gramatical torna-se mais abstrato e mais eroso, torna-se menos sujeito à metáfora e mais sujeito às pressões contextuais que geram mudança por inferência.”

3. Gramaticalização de conectores

Heine et al. (1991) propõem a seguinte escala para ilustrar o percurso de gramaticalização para os conectores:



De acordo com essa escala, elementos que indicam espaço, por transferência metafórica, passam a ser empregados como indicadores temporais e, posteriormente, como organizadores do espaço textual, havendo a possibilidade de ocorrer um percurso do espaço externo diretamente para o espaço textual.

Tavares (1999) relaciona a esse percurso de gramaticalização o desenvolvimento de **aí**, **daí**, **então** e **e** como conectores a partir de uma base adverbial. Cita como exemplo o *então* anafórico espacial (sinônimo de *nesse lugar*) que, ao iniciar seu processo de gramaticalização no latim, torna-se um indicador de tempo (sinônimo de *nessa época* ou *nesse momento*), passando, a seguir, a exercer funções no nível da interligação textual, como a seqüenciação de eventos e a introdução de efeito.

Especificamente em relação à gramaticalização de conectores, Traugott e König (1991) chamam a atenção para a inferência por pressão de informatividade, mecanismo relacionado à metonímia. É um processo em que um item lingüístico assume um valor novo, inferido do valor original, devido à convencionalização de implicaturas conversacionais por meio de pressões do contexto de uso. Assim, quando surge uma implicação, certo item lingüístico pode ser tomado como parte do significado desta mesma forma lingüística. Por isso, conceitos espaciais acabam por licenciar implicaturas temporais.

Martelotta (1996) ilustra esse mecanismo de mudança com a passagem de *já* (marcador de contra-expectativa) > *já* (comparativo). O autor cita o seguinte exemplo, em que aparece como marcador de contra-expectativa:

A Cláudia? A Cláudia está com dezesseis vai fazer dezesseis anos agora, entendeu? Já tem namoradinho, coisa e tal, já dá umas aulinhas de ... aqui em casa, é ... português, matemática, tudo que ela gosta, não é?

Explica o autor que, nesse exemplo, o *já* além de expressar noção temporal, apresenta uma característica típica de marcadores de contra-expectativa: em cláusulas que expressam situações contrastivas em relação às informações anteriores. As cláusulas *já tem namoradinho* e *já dá umas aulinhas* expressariam idéia contrastiva em relação ao fato de a menina não ter ainda dezesseis anos, que suscita expectativa contrária.

O autor afirma que, em alguns contextos, pode ser inferido do uso de **já** como marcador de contra-expectativa um valor comparativo, e dá o exemplo seguinte:

É colocada ... Também costuma-se fazer viveiro para determinadas hortaliças: por exemplo, alface, certos tipos de couve, é ... planta-se no viveiro e, depois de a mudinha alcançar um certo desenvolvimento, aí é colocada no lugar definitivo. Agora, outras não. Outras *já* são colocadas a granel no canteiro, proporcional à área do canteiro.

Para Martelotta, o **já** admite duas leituras: outras *já* (= anteriormente, desde o princípio) são colocadas no canteiro, o *já* mantém a marca temporal e funciona como marcador de contra-expectativa e *já* (= por outro lado) outras sementes são colocadas no canteiro, o *já* apresenta valor comparativo, porque o *já*, nesses casos, não tem valor de igualmente, mas de por outro lado.

Além da pressão por informatividade, outro mecanismo de mudança na reorganização da estrutura do enunciado é a reanálise, que leva à reinterpretação dos elementos que o compõem. É o caso, por exemplo, do Inglês, em que o elemento *that*, de pronome catafórico passa a conectivo.

I said that: John is coming > I said that John is coming.

A reestruturação da frase leva a uma mudança na função do elemento *that* que, inicialmente ligado à oração anterior, passa a fazer parte da oração seguinte.

4. Gramaticalização de AGORA

O advérbio **agora** a priori parece não ser nada mais do que um simples advérbio, um dêitico temporal, que exerce a função de situar eventos a que se refere em um dado período de tempo. A função principal de **agora** é criar efeito de ordem temporal, mas esse elemento pode causar impacto no interior de um enunciado, não se limitando apenas a indicar um processo no tempo. Observando os dois exemplos abaixo, pode-se constatar a diferença de uso.

(1) morro **agora** está bom, está calmo à beça, está tudo calmo. Mas em (hes) um ano atrás esse morro virou um <inf> Deus me livre.

(2) Mas eu sei lá, eu tenho vontade, assim, jogar para mim ganhar, **agora**

gastar meu dinheiro, ir lá jogar e não ganhar nada. Eu fico com uma tristeza (est) mas se eu ganhasse eu ia ajudar muita gente.

Em (1) o elemento **agora** caracteriza-se por ser um dêitico temporal prototípico. Isso significa que equivale semanticamente a “neste momento”, “atualmente”, e é desencadeado pela forma interrogativa “ Quando?”

Neves (1992) considera que existem, entre os advérbios de lugar e de tempo, elementos em si mesmo fóricos ao lado de elementos não-fóricos.

Entendendo-se fórico como o elemento que propicia a busca ou a recuperação de informação por remissão a um ponto do enunciado ou à situação de enunciação, pode-se observar que há dêiticos que são fóricos e outros que não são. Embora se possa fazer esta desvinculação entre dêixis e forismo, sabe-se que todo circunstancial fórico é, também, dêitico. É o caso do exemplo (1), acima. Naquele exemplo, **agora** remete ao momento da enunciação, um momento que pode ser interpretado dentro de uma abrangência de período maior de tempo, não só de presente, mas, também, de passado ou de futuro, que se aproxima do momento da enunciação, como se pode compreender em “atualmente”.

Em (2), semanticamente, o elemento **agora** distancia-se de sua significação temporal prototípica. Não é desencadeado pela forma interrogativa Quando?, nem pode ser parafraseado por “atualmente”, “neste momento” ou afins. Diferentemente do primeiro caso, **agora**, em (2) não integra uma estrutura sentencial; ao contrário, rompe com a relação de contigüidade. Parece funcionar como marcador juntivo, unido duas proposições, numa relação lógica de oposição. Essa diversidade no uso de **agora** parece não ter sido levada em questão pela gramática tradicional, que classifica o termo como advérbio de tempo.

Nos dados analisados, foram encontrados usos diversos do elemento **agora**, ora em função adverbial (dêitico > fórico), ora com função diferenciada dentro do texto. No exemplo (1) citado anteriormente, como se viu, **agora** tem valor temporal; já no exemplo (2) perde o valor temporal original e assume a função de integrar argumentos em favor do assunto que está sendo tratado, e passa a ter um valor semelhante a “mas”, o que leva à consideração de que, nesse caso, **agora** é um marcador juntivo, ou um operador argumentativo.

Martelotta (1996) define operadores argumentativos como elementos que, além de desempenhar funções de caráter basicamente gramatical, dão uma orientação argumentativa ao discurso. Considera o autor que esses elementos são mais fixos na cláusula e têm função básica de organizar internamente o uso da língua e não de fazer referência a fatos do universo biossocial. Os operadores argumentativos podem desempenhar as seguintes funções:

1. fazer alusão a dados do texto já mencionados ou por mencionar, atuando como elementos anafóricos ou catafóricos;
2. ligar partes do texto, dando-lhes orientação lógica;
3. operar estratégias argumentativas, chamando atenção do ouvinte para elas.

Em referência a **agora**, os dados analisados mostram que esse elemento desempenha as funções b) e c) mencionadas por Martelotta. Isso pode ser

observado nos exemplos a seguir:

(3) com uma chuva assim fraquinha [essa chuva] essa chuva grossa que cai de uma vez aí enche lata, enche tudo: é uma beleza. **Agora** quando fica caindo aquele cai hoje, cai aquele mucadinho. Aí amanhã cai aquele mucadinho...

Nesse exemplo, **agora** funciona como conectivo, proporciona uma relação lógica de oposição, é um operador argumentativo. A oposição que é feita é entre “quando cai chuva grossa é uma beleza” e “quando cai chuva fina é ruim”.

(4) ele dão as coisa para a gente, depois pode, até expulsar a gente, a gente não ter pra onde ir. Não, prefiro ficar na minha mesmo. Não vou, não! (amamentando a filha) se eles me der, eu não vou. Eu quero um negócio, assim, meu, que eu posso falar se é meu. Aí, eu vou. **Agora** deles, eu não quero nada deles [se eles me der].

Em (4) a informante começa comentando o fato de alguém dar alguma coisa para ela, interrompe o comentário para fazer uma reflexão sobre sua preferência de Ter algo que fosse somente dela mesma e retoma o comentário do início, utilizando o elemento **agora** para redirecionar o ponto da conversa. **Agora**, nesse caso, não apenas liga cláusulas, mas, também, serve para organizar a estratégia interativa; é um marcador argumentativo.

A observação desses usos de **agora** com valores diferenciados e a análise dos dados selecionados para este trabalho propiciam fazer a seguinte sistematização:

4.1. AGORA como dêitico temporal

4.1.1. Posição

Em sua função como dêitico temporal, o advérbio **agora** pode ocorrer em posições variadas dentro das sentenças:

a) antes de um SV

(5) Mas é que a luz **agora** se adiantou mais rápido, porque **agora** já tem até cabine para botar a luz pra dentro de casa. Falta só orelógio, não é? Mas a água, eu não sei nem quando eles vão botar a caixa....

b) entre um SN e um SV

(6) (Não), poderia viajar, mas por lazer não é? Eu, **agora**, vou viajar, eu pretendo ir à Europa.

c) depois de um SV

(7) eu nasci em sessenta e <se> dezessete anos, eu vou fazer. Aliás, já fiz até, porque eu entrei não vou fazer, porque eu vou fazer em maio **agora**. Nós estamos em abril.

d) início de oração

(8) Você recebe a carteira de identidade pelo correio (est) . Isso eu sei que é verdade. **Agora** mesmo, ó, eu comprei um livro para a minha filha, de medicina.

4.1.2 Co-ocorrência

Agora, em sua função temporal, pode aparecer sozinho ou vir acompanhado de outros elementos como *mas*, *então*, *aí*, *sim*, etc., como se pode observar nos exemplos a seguir:

(9) Aí passa sábado, domingo, aí apanha só segunda feira (balbucio). **Mas agora** está melhor. Porque de primeiro era uma falta d'água que a gente tinha que apanhar lá em baixo. Tinha que descer com lata, subir com lata, pegar bacia de roupa.

(10) (campanha do telefone) é, dá um tempo aí (barulho de gravador) **mas, aí, agora**, por causa do telefone, perdi o fio da meada, não sei por que razão.

(11) Uma série de fatores que vão juntando, para que você possa ser campeão. **Então, agora** (nós não) vamos querer que o Brasil, porque diz que é o melhor do mundo, ele diz que é o melhor, a gente diz, *mas* (a gente tem, você) realmente, você tem tendência a dizer que é o melhor, não é?

4.1.3 Delimitação temporal

Segundo Neves (1992), o advérbio **agora** (hac hora) não exprime momento ou período fisicamente delimitado, mas apresenta variação de abrangência, que pode reduzir-se a um mínimo (pontual), mas pode abranger um período maior ou menor, não só do presente *mas*, também, do passado ou do futuro, desde que toque o momento da enunciação ou se aproxime dele.

Em (12) e (13) abaixo, **agora** refere-se ao momento da enunciação (*agora* = neste momento), já em (14) **agora** estabelece uma abrangência de tempo que inclui um futuro e em (15) inclui passado e futuro próximos.

(12) Pede um, ai meu Deus, como é que (vozes) se diz o nome? Pede um esqueci (f) até esqueci **agora**.

(13) Nem quase não pára em casa comigo! Está aqui dentro de casa não sei

nem fazendo o quê **agora**.

(14) (Não), poderia viajar, mas por lazer, não é? Eu, **agora**, vou viajar, eu pretendo ir à Europa **agora**

(15) **Agora** está muito bom o morro ("Ele") está ótimo, está bom demais.

Às vezes a delimitação do período de ocorrência do fato enunciado e sua relação de contemporaneidade com o momento da enunciação ganham maior precisão nas condições contextuais em que ocorre o advérbio (Risso 1993). É o caso de (16), em que **agora** aparece acompanhado do pontualizador "mesmo", numa estrutura em que ocorre o verbo estar no tempo presente.

(16) Acabou o baile. É (vozes) uma arruaça. Tem vez que está calmo. **Agora mesmo** (inint) está calminho. Está uma beleza. A gente pode andar até de noite, como eu ando mesmo.

Risso afirma que uma característica da forma adverbial **agora** é que ela provê apoio à referência temporal na fala em curso, e informa que esse traço constante e necessário faz de **agora** uma unidade sistematicamente integrada no quadro de componentes evocadores do que Benveniste (1966) chama de "instância do discurso": "atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em fala por um locutor" (Benveniste 1966 – apud Risso 1993).

É esse atrelamento à instância do discurso que faz fundo comum que propicia associar **agora** a outros dêiticos correlatos pessoais (eu-meu), espaciais (aqui-lá-aí ...) ou temporais (hoje- ontem- amanhã...), no estabelecimento de indicações sintonizadas não com uma referencialidade bio-objetiva, em si mesma, mas com um ato concreto de produção discursiva, a que essas indicações retornam.

A autora cita, de novo, Benveniste, para afirmar que isso representa "um fato ao mesmo tempo original e fundamental que essas formas pronominais não remetam à "realidade" nem a posições "objetivas" no espaço e no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim seu próprio emprego".

Para reiterar tal afirmação, Risso cita, ainda, Schiffrin (1987), para destacar o valor temporal de **agora**, que se faz da seguinte maneira: a) como veículo de um tempo de referência e b) como expressão da proximidade no eixo proximidade/distanciamento, relativamente ao "eu" do locutor. É o eixo proximidade/distanciamento que é responsável pelo contraste não só entre dêiticos temporais (presente/passado: agora/então), mas, também, entre dêiticos pessoais (eu/tu) e espaciais (aqui/lá). Esses indicadores de proximidade apontam para o falante e para sua posição espacial e temporal, e assinalam a compatibilidade paradigmática de **agora** com unidades que indicam o aparato situacional da enunciação: "agora", "aqui", "eu".

Já o tempo de referência (relação dêitica entre período de tempo configurado por uma proposição lingüística e o tempo de sua elocução) estabelecido por **agora** firma um parâmetro situacional, que liga o enunciado (proposição) com as circunstâncias da enunciação.

Neves (1992), referindo-se aos traços semânticos das circunstâncias de tempo de **agora**, relaciona cinco vieses semânticos no emprego de **agora** como dêitico temporal: a) agora = neste momento [conf. (12)]; b) agora = na época atual [conf. (15)]; c) agora = neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este [conf. (14)]; d) agora = no momento/período imediatamente anterior a este [conf. (20)]; e) agora = nos últimos tempos [conf. (17)].

4.1.4 AGORA e o tempo verbal

Como dêitico temporal, a partir da observação dos dados selecionados, nota-se que **agora** ora aparece em oração com verbo no tempo presente, ou presente mais gerúndio, ora com a expressão indicativa de futuro (ir + infinitivo), ora com o pretérito. A afirmativa pode ser constatada nos exemplos transcritos abaixo:

(17) O morro **agora está** bom, está calmo à beça,...

(18) Chegava na hora, cadê a água? Nem água nem luz, nem nada. **Agora**, sim, **agora está melhorando**, o morro está legal.

(19) (Não), poderia viajar, mas por lazer, não é? Eu, **agora, vou viajar** eu pretendo ir à Europa.

(20) Você recebe a carteira de identidade pelo correio (est). Isso eu sei que é verdade! **Agora** mesmo, ó **eu comprei** um livro para minha filha, de medicina, então eu pedi pelo correio. Telefonei.

4.2 AGORA com valor juntivo

4.2.1 Na relação proposicional

No que diz respeito à relação proposicional, pode-se observar que o elemento **agora** liga partes de texto, estabelecendo orientações lógicas. Nesse caso, pode-se afirmar que funciona como conectivo, ligando cláusulas e relacionando-as dentro de relações, principalmente, de oposição.

Isso acontece na medida em que o elemento lingüístico **agora** passa a assumir novo valor, que emerge de contextos determinados em que um sentido novo pode ser inferido do sentido primeiro – é o mecanismo de pressão de informatividade.

Nos dados vistos, **agora** pode ser parafraseável por *mas*, conf (21); por outro lado, conf. (22).

(21) É, muita gente vai, **agora** eu não vou não. Tem uns dois ou três ano que eu não entro naquela quadra da vila pra nada.

(22) Não, não, não seria, (nisso daí não seria explicar) ele dá a notícia mais verdadeira, eu acho. Mais verdadeira do que a Globo, que a Globo é talvez, porque ela não queria sei lá, tem uma linha política dela e a Bandeirante também, não é? Cada um tem a sua linha e eu respeito a Globo, querer ser apenas informativo, não é? **Agora**, eu, no meu entender, eu gosto (mais) porque (hes) o Joelmir Beting que fala: porque acontece (sei lá) acontece, porque está acontecendo isso [por isso], [por isso] [por isso] por isso, então, você tem condição de aprender um pouquinho, não é?

4.2.2. Relações lógicas

Empregado com valor juntivo, o elemento **agora** manifesta-se basicamente estabelecendo relações de contraste, de ressalva e de contra-expectativa.

No estabelecimento da relação lógica de contraste, as cláusulas introduzidas por **agora** são contrastivas em relação ao que foi dito antes, como se vê nos exemplos abaixo:

(23) É muita gente vai, **agora** eu não vou não. Tem uns dois ou três ano que eu não entro naquela quadra da vila para nada.

(24) I- eles dão as coisas para a gente, depois pode até expulsar a gente, a gente não ter pra onde ir. Não, prefiro ficar na minha mesmo. Não vou, não! Se eles me der, eu não vou. Eu quero um negócio assim, meu, que eu posso falar se é meu. Aí eu vou. **Agora** deles, eu não quero nada deles [se eles me der].

E- [**Agora** (se fosse)] Se fosse no seu mesmo. Vai tudo para o seu nome, assim. Aí eu quero.

Quando **agora** estabelece relação de ressalva, parece que o melhor parafraseamento para esse elemento é “por outro lado”. Isso pode ser conferido no exemplo (22) acima e em (25), (26) e (27) abaixo:

(25) com uma chuva assim fraquinha [essa chuva] essa chuva grossa que cai de uma vez aí enche lata, enche tudo: é uma beleza, **agora** quando fica caindo aquele cai hoje, cai aquele mucadinho, .aí amanhã cai aquele mucadinho.

(26) É porque, realmente, a mulher sempre foi, **agora** o homem é que não deixa, não é? (riso) o homem é que faz as leis, não é?

(27) Você falou que a sua filha, ela sempre falou muito bem, não é? **Agora** há uma todo [um] um posicionamento das pessoas mais velhas contra um linguajar dos jovens, dizendo que os jovens não falam mais, eles não têm uma linguagem correta.

Diferentemente da relação de contraste, na de contra-expectativa a oposição não se estabelece em relação ao que foi dito anteriormente, mas em relação à expectativa do ouvinte, ao que o ouvinte espera de acordo com o conhecimento de mundo partilhado. É o que se pode constatar nos exemplos abaixo:

(28) é muita gente vai, **agora** eu não vou não. Tem uns dois ou três anos que eu não entro naquela quadra da vila pra nada.

(29) você vai assumir, talvez, mas em relação à linguagem eu acho que não. **Agora** a gente muda, inclusive o nosso linguajar muda, não é? Eu acho, porque você está aprendendo a cada dia.

Em (28), o início da cláusula “muita gente vai”, leva à expectativa de que o falante também “vai”, mas ele rompe com o esperado pelo ouvinte, ao afirmar “*agora eu não vou não*”. O mesmo acontece em (29), a expectativa é de que as pessoas não mudam em relação à linguagem, mas o falante afirma: “*agora a gente muda*”.

4.2.3. Extensão do constituinte introduzido por AGORA

Quando funciona com valor juntivo, a extensão do constituinte introduzido por **agora** normalmente apresenta-se formado por mais de uma oração. Mas, também, ocorre em constituinte formado por uma só oração. Os exemplos abaixo mostram isso:

(30) É muita gente vai, **agora** [eu não vou não]

(31) Eu quero um negócio, assim, meu que eu possa falar se é meu. Aí eu vou. **Agora** [deles eu não quero nada deles]

(32) Mas eu sei lá, eu tenho vontade, assim, jogar para mim ganhar, **agora** [gastar meu dinheiro] [ir lá] [jogar] e [não ganhar nada] [eu fico com uma tristeza] ...

(33) **Agora** [eu não sei me controlar] [eu não fiquei controlada] [aí eu fiquei louca] [porque o moço ainda tentou me enganar]

Parece que, quando o constituinte introduzido por **agora** é mais extenso, como em (32) e (33) a intensidade da oposição criada entre as proposições é mais intensa, porque mais carregada de significação.

4.3 AGORA com valor discursivo

Chama-se marcador discursivo o elemento que, ligado ao processo de discursivização, assume funções mais voltadas para a orientação da interação.

Martelotta (1996) cita Risso, Silva e Urbano (1995): todo elemento de função textual “cumpre sempre uma função orientadora da interação, ainda que fragilmente”, para afirmar que é impossível estabelecer uma distinção nítida entre elementos de função eminentemente textual, como os operadores argumentativos, e de elementos basicamente interativos, como os marcadores discursivos.

O autor diz que há casos, entretanto, em que se percebe uma clara orientação por parte do falante para o ouvinte, ou deste para o falante, no uso de elementos como *né?*, *sabe?*, *certo?*, *uhn uhn*, entre outros. O uso desses elementos é feito pelos interlocutores com o objetivo de confirmar a recepção de informações: os falantes os usam com vistas a organizar a linearidade do discurso e os ouvintes para indicar que estão acompanhando as informações enviadas.

Para Martelotta, a trajetória de discursivização dos marcadores discursivos é desenvolvida no sentido de levar o elemento, num processo de abstração crescente, a assumir funções interativas, com funções de preenchedor de pausa, diferentemente dos operadores argumentativos, que tendem a ser provenientes de circunstanciadores espaciais e temporais por um processo de gramaticalização, em que ocorre a passagem do léxico à gramática.

Risso (1993), estudando o elemento **agora** em dados do Projeto NURC, classifica o funcionamento de **agora** em dois: a) como advérbio temporal e b) como marcador de estrutura tópica. Ao fazer isso, parece, a pesquisadora considera todo uso de **agora**, que não advérbio de tempo, como marcador de estrutura tópica. Não considera a divergência de uso de elementos deste tipo como operador argumentativo e como marcador discursivo, como faz Martelotta. O certo é que há casos em que parece possível detectar tal diferença, mas há outros em que tal distinção fica difícil.

Risso afirma que o elemento **agora**, ainda que mantenha posição de contigüidade em relação à sentença, antecipando-se geralmente a ela, assume absoluta independência sintática relativamente aos seus componentes. A autora justifica tal afirmativa, considerando que esse elemento exerce atuação relativamente a unidades discursivas quase sempre de âmbito mais abrangente, de tópicos e de segmentos de tópico. Na visão da autora, a eliminação desse elemento não traz prejuízos, de uma perspectiva estritamente sintática. No entanto, ressalva a pesquisadora, apesar da aparência descartável na fala, a exclusão desse elemento pode ocasionar a perda de dados “sobre a orientação que o falante dá a seu discurso, sobre a administração do tópico, sobre o controle da informação”.

A partir da ocorrência nos dados estudados, Risso distribui o uso de **agora** como marcador em dois grandes blocos: a) como articulador intertópico (abertura de tópico) e b) como articulador intratópico (relação entre proposições). Considera, ainda, com Schiffrin (1987), que **agora** tem um foco catafórico que direciona a atenção sobre aquilo que o falante está para dizer, ainda que seu pronunciamento tenha como referente a informação dada em um ponto anterior da fal. E, a propósito disso, lembra Marcuschi (1989), que se refere à bidirecionalidade de alguns marcadores conversacionais, e à possibilidade de serem considerados “como um tipo especial de dêiticos não muito estudados sob este ponto de vista”.

Mas, consideramos que, conforme o andamento deste estudo, há casos em

que **agora** parece atuar como operador juntivo, equivalendo a **mas** e proporcionando coesão na relação lógica entre proposições, e outros casos em que seu uso parece ter função predominantemente discursiva.

Encontramos nos dados analisados alguns empregos de **agora** com função que parece ser predominantemente discursivo:

(34) É, isso não acontece na Europa, não é? Você estava mostrando, assim, uma série de coisa, a gente não lembra, (est) não é? E a mulher chega na Europa, entra num (hes) boteco, que ela bem entender, na América, vai ver um filme de sexo sozinha. E nem por isso, ninguém agarra a mulher ali (risada). Respeito é muito maior, não é? (est). **Agora**, (nós não) é diferente, não é? Aquele negócio que eu estava falando, nós temos (hes) só quinhentos ano, não é? Até o homem advinhar isso, não é?

No trecho (34) acima, a função de **agora** parece ser principalmemente de redirecionar o tópico conversacional. Conforme se pode observar numa extensão maior do texto (cf. dados anexos), toda a conversa girava em torno da liberação da mulher para os campos profissionais. Depois tratou-se do assunto discriminação da mulher e foram feitas comparações entre a situação da mulher na Europa e nos Estados Unidos. O informante parece querer dar finalização ao assunto e o faz com uma estrutura introduzida por **agora**.

O mesmo parece acontecer em (35):

(35) E- Meu marido trabalha por conta própria, em três anos, ele teve dez dias de férias, só (riso).

F- É, mas não é? (hes) você vê é o cúmulo. (Vou) reportar, aqui, outra vez, o meu caso, é? Eu devia pegar esses trinta dias e <di>: bom, vou aproveitar esses trinta dia, não é? Não (eu) não vou, eu vendi de acordo com a lei nova, vendi meus dez dias que eu tenho direito, vou fazer só vinte dias de férias. Então, com esses dias, <vinte> dez dias, que eu vou receber eu consigo, talvez, é

E- Financiar

F- Financiar um pouco, não é? O resto, você tem que tirar de outro lugar. Você teve que economizar, teve que fazer qualquer coisa, não é?

E –**Agora**, Maró diz que a vida, na América, é muito mais facilitada do que a vida na Europa. Você concorda com isso?

Já em (36) a seguir, o uso de **agora** parece ter a função de reformular o pensamento. A significação do marcador **agora** parece ser a de; agora = nesta altura da conversa e, por conseqüência, nesta altura do texto.

(36) F – Pra mim, é bom. Pra mim é bom. Eu tento entender o máximo possível. Muita coisa a gente não entende, não é? Não quer entender. Esse problema aí, a Sandrinha que é a mais nova, que faz medicina, foi estudar em

Volta Redonda, não é? Se eu fosse um pai quadrado (quer dizer) eu relutei inicialmente. Porque (né) a gente, é aquele negócio, não é? Inicialmente, você, mas, depois, você tem que pensar, pelo menos, um <p> isso não quer dizer que a gente não é não vai admitir, não é? (est) (hes) Não quer dizer que eu tenha relutado, (gaguejo) (est) pelo menos, ela ia morar longe, não é? É diferente, não é? E, ela disse que, para ela, foi uma experiência de vida.

E – Muito boa

F – Excelente, (nquem) ela acha que tudo quanto era mulher não, [eu], **agora**, estou sendo machista hein! (riso). Tudo quanto é jovem devia de mrar sozinho, para sofrer uma experiência, quer dizer, ela sofreu essa experiência, não é?

5. Considerações finais

A análise do emprego do elemento **agora** nas transcrições de dados de fala do Projeto PEUL, à luz dos fundamentos teóricos sobre o fenômeno da gramaticalização, levou à percepção de que esse elemento atua na construção dos textos falados, principalmente, dentro de três configurações: com valor temporal, com valor juntivo e com valor discursivo.

No seu valor dêitico temporal, **agora** veicula relação de proximidade temporal do fato evocado com a fala do locutor. Essa proximidade temporal atinge um grau de abrangência que pode incidir, também, sobre o passado ou sobre o futuro, tocando presente ou se aproximando dele.

Operando com valor juntivo, **agora** une proposições, estabelecendo relações lógicas entre proposições. Essas relações parecem ser, fundamentalmente, relações de oposição, que se fazem, principalmente, por contraste, por ressalva e por quebra de expectativa.

Já no seu emprego com valor discursivo, **agora** parece atuar na organização do discurso, como introdutor de tópico, na orientação do ouvinte em relação ao que é falado.

Do uso lexical ao uso gramatical parece haver o apagamento da noção de circunstância cronológica do fato a que o advérbio se refere e a atuação sobre a enunciação, referindo-se sobre o tempo do discurso, estabelecendo uma relação de dependência argumentativa (valor juntivo) ou de sucessividade discursiva (valor discursivo).

Assim, podemos desenhar a trajetória de gramaticalização de **agora** da seguinte maneira: agora – temporal > agora – textual > agora – discursivo. No decorrer dessa trajetória em diferentes usos, pode-se perceber, numa jornada do concreto para o abstrato, o desbotamento da significação temporal.

Consideramos que este tipo de estudo sobre gramaticalização propicia uma observação mais apurada dos fenômenos de mudança de status lingüístico de termos na construção de textos falados e, ainda, uma percepção da noção de que "gramática é uma estrutura maleável (Bolinger – 1967 apud Martelotta 1996), que

constitui um sistema formado por regularidades, que decorrem de pressões de uso, que são decorrentes de necessidades pragmáticas.

Referências

HEINE, B. et al. *Gramaticalization: A conceptual framework*. Chicago. Univ. Chicago Press. 1991.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge. Cambridge Univ. Press. 1993.

HOPPER, P. **Some recent trends in grammaticalization**. Annu. Rev. Antropol. 25, 1996.

KOCH, I. (org) **Gramática do português falado. 2 ed.** Campinas. UNICAMP/FAPESP. 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: **formas, posições, funções**. In: CASTILHO, A. T. (org) **Português culto falado no Brasil**. Campinas. UNICAMP. 1989.

MARTELOTTA, Mário. et alii. **Gramaticalização no português**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1996.

MOLLICA, Maria C. & MARTELOTTA, Mário. **Análises lingüísticas: A contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro. UFRJ/Faculdade de Letras. 2000.

NEVES, Maria Helena Moura. **A gramática funcional**. São Paulo. Martins Fontes. 1997.

NEVES, Maria Helena Moura. Advérbios circunstanciais. In: ILARI, R. (org) **Gramática do português falado: A ordem**. Campinas. UNICAMP/FAPESP. V. 1. 1992.

PAIVA, Maria da Conceição (org) **Amstras do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro**. UFRJ/ Faculdade de Letras. 1999.

RISSO, Mercedes. O articulador discursivo "então". In: CASTILHO, A. & BASILIO, M. (orgs) **Gramática do português falado**. Campinas. UNICAMP/FAPESP. 1996.

RISSO, M. S. "Agora... o que eu acho é o seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português falado. In: CASTILHO, A. T. (org) **Gramática do português**

falado. Campinas, UNICAMP/ FAPESP. V. 3. 1993.

_____. et al. Marcadores discursivos: Traços definidores. In: KOCH, I. (org). **Gramática do Português falado**. Campinas. UNICAMP/ FAPESP. 1997.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge University Press. 1987.

TRAUGOTT, E. e KÖNIG. "The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited". In: TRAUGOTT, E. e HEINE, B. (eds) **Approaches to grammaticalization. V.2**. Amsterdam. Benjamins. 1991.

— | | —
Maria da Penha Pereira Lins